

# AS DESMEDIDAS DA VÊNUS NEGRA

## GÊNERO E RAÇA NA HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Maria Teresa Citeli

### RESUMO

O artigo é uma revisão das abordagens de quatro autores sobre um episódio do início do século XIX que até hoje instiga controvérsias: o caso da "Vênus Hotentote". Foi com esse epíteto que uma mulher sul-africana de nome original ignorado, cujas nádegas teriam proporções descomunais, ganhou celebridade no mundo do entretenimento de Londres e Paris e teve seu corpo convertido em objeto de estudo de eminentes cientistas franceses empenhados em classificar grupos humanos. Ao considerar os aspectos contextuais como constituintes da prática e do conhecimento científicos, a autora revela-lhes um notável viés racista e sexista.

*Palavras-chave:* *Vênus Hotentote; história da ciência; determinismo; gênero; raça.*

### SUMMARY

The article is an account of four approaches about an episode in the beginnings of the 19<sup>th</sup> century, prone to raise contemplations up to the present time: the "Hottentot Venus" affair. That was the epithet under which a South-African woman of unknown original name, whose abnormally disproportionate buttocks caused both her rise to celebrity in the entertainment world of London and Paris and the submission of her body to research by eminent French scientists committed to the classification of human groups. Setting the context upright as a constitutive stance for the scientific knowledge and practice, the authoress discloses their striking racist and sexist embeddedness.

*Keywords:* *Hottentot Venus; science history; determinism; gender; race.*

Nascida no Sul da África, perto do cabo da Boa Esperança, e medindo 1,35 m de altura, não se sabe ao certo se pertencia ao povo de baixa estatura denominado hotentote pelos colonizadores ou aos bosquímanos<sup>1</sup>, que habitavam a mesma região. Quando chegou à Europa em 1810 — trazida, conforme a versão, pelos holandeses para quem trabalhava ou por um médico de navio que fazia renda extra exportando espécimes para museus —, foi batizada com o nome de Saartjie Baartmann, depois adaptado para Sarah Bartmann, e recebeu o epíteto de "Vênus Hotentote". A jovem negra estreou em Londres com sucesso imediato, exposta no Egyptian Hall, em Picadilly Circus, em espetáculos que hoje se chamariam *freak shows*<sup>2</sup>, anunciados em panfletos e jornais. Os espectadores pagavam dois xelins para vê-la, e os que quisessem tocar-lhe as volumosas nádegas pagavam uma taxa adicional.

(1) A origem desse termo é geralmente atribuída à palavra "*bosmanneken*", utilizada pelos colonos holandeses e cujo significado malaio, bem conhecido por eles, referia-se a "orangotango". Por considerarem depreciativos tais rótulos étnicos cunhados pelos colonizadores, hoje muitos estudiosos se referem aos dois povos como "khoi-san", nome composto pelas designações que cada um dos grupos se auto-atribuíam.

(2) Sobre esse tipo de espetáculo, ver Altick, R. D. *The shows of London*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

Há notícia de que abolicionistas, horrorizados com a *performance*, levaram a julgamento o seu empreendedor, que para dar prosseguimento aos espetáculos teve de providenciar para Sarah um contrato de trabalho pelo qual ela passaria a receber uma porcentagem do valor arrecadado com os ingressos. Durante o processo ela declarou que não era abusada sexualmente e que viera a Londres por vontade própria, para ganhar dinheiro. Há referências ainda ao depoimento de um integrante de associação beneficente, segundo o qual Sarah era apresentada feito animal selvagem: o "domador" a mandava sair da jaula, andar, sentar, levantar e depois voltar para a jaula, e quando ela se recusava a obedecer ele a ameaçava.

A apresentação em jaula realçava-lhe a natureza supostamente perigosa e selvagem, à qual se associava a noção de sexualidade também perigosa, incontrolável. Para Stephen Jay Gould, a fama da Vênus Hotentote como objeto sexual provinha justamente das duas características que seu próprio apelido realçavam, ao combinar uma suposta bestialidade ("hotentote") com a fascinação lasciva ("Vênus")<sup>3</sup>. O interesse lascivo despertado pelas apresentações de Sarah fica explícito nos inúmeros cartuns que focalizavam suas nádegas.

Anne Fausto-Sterling pondera que o sucesso do espetáculo se devia em parte ao fato de haver poucos negros na Grã-Bretanha do século XVIII e início do XIX, em geral escravos foragidos ou jovens que vinham estudar, quase todos do sexo masculino, o que por si só fazia de uma mulher negra — e ainda mais no caso de Sarah Bartmann — uma visão incomum<sup>4</sup>. Daí que figurasse entre as atrações extravagantes das formas populares de divertimento exibidas em Londres e outras cidades da Inglaterra: o homem mais gordo da terra, a mulher barbuda, o esqueleto vivo, engolidores de fogo, gigantes.

Em 1814 a Vênus negra foi levada a Paris e ali também obteve seguidos sucessos, mercê de uma jornada de trabalho de doze horas diárias, conforme Gérard Badou. Em 18 de setembro daquele ano o *Journal de Paris* estampava um anúncio publicado por Henry Taylor, o homem que então comandava os espetáculos de Bartmann: "A Vênus Hotentote, recém-chegada de Londres, é mantida exposta ao público, rua Neuve-des-Petits-Champs, 15, das onze da manhã às nove da noite. Preço, três francos"<sup>5</sup>. Ela passou então às mãos de um exibidor de animais chamado Réaux, sendo exibida onde quer que houvesse prostíbulos e espetáculos de saltimbancos e animais amestrados (ursos e macacos, pulgas e percevejos...). Desde o público popular, passando pelos salões e leitores de jornais, todos os parisienses conheciam a fama da Vênus africana.

Tamanha notoriedade acabou por atrair a atenção dos cientistas, e em março de 1815 ela foi levada por seu "empresário" ao Jardim du Roi para ser examinada por três eminentes cientistas franceses, Georges Cuvier, Henri de Blainville e Geoffroy Saint-Hilaire, ocasião em que foi também retratada nua por um artista. Sarah Bartmann morreu em Paris em 29 de dezembro daquele ano, provavelmente aos 26 anos — conforme a versão, de pneumonia durante um inverno particularmente rigoroso, de excesso de bebida ou de varíola —, e seu corpo foi entregue aos cientistas que a haviam examinado em vida<sup>6</sup>.

(3) Gould, Stephen J. "La Vénus Hotentot". In: *La sonrisa del flamenco: reflexiones sobre historia natural*. Madri: Hermann Blume, 1987.

(4) Fausto-Sterling, Anne. "Gender, race, and nation: the comparative anatomy of 'Hotentot' women in Europe, 1815-1817". In: Terry, Jennifer e Urla, Jacqueline. *Deviant bodies*. Bloomington: Indiana University Press, 1995, pp. 19-48.

(5) Cf. fac-símile em Badou, Gérard. *L'enigme de la Vénus Hotentote*. Paris: J. C. Lattès, 2000, p. 117.

(6) As principais monografias que resultaram dos exames de Sarah Bartmann, feitos em vida e depois de sua morte, são: Blainville, Henri de. "Sur une femme de la race hottentote". *Bulletin de la Société Philomatique de Paris*, 1816; Cuvier, Georges. "Observations faites sur le cadavre d'une femme connue à Paris e à Londres sous le nom de Vénus Hotentote". *Mémoires du Musée National d'Histoire Naturelle*, nº 3, 1817; Saint-Hilaire, Geoffroy e Cuvier, Frédéric. *Histoire naturelle de mammifères avec des figures originales illuminées, dessinées d'après des animaux vivants*. Paris, 1819.

Cuvier se encarregou de tirar o molde de seus genitais e dissecar o cadáver. Alguns órgãos, conservados em formol, passaram a integrar a coleção do Museu de História Natural, e mais tarde a do Museu do Homem, ambos em Paris.

Os exames *post mortem*, que poderiam ter selado o fim da exuberante e excêntrica notoriedade de Sarah, foram na verdade um outro começo. Durante muitos anos seus restos mortais ficaram expostos à visitação pública nos museus, e por volta de 1990 foram muito bem guardados. É aproximadamente nesse período que sobrevém o interesse crítico dos estudos acadêmicos pela história de Sarah Bartmann e dos povos que descendem dos grupos aos quais ela pode ter pertencido — e também pela história dos cientistas que a estudaram e do contexto cultural e científico da época. Tendo passado do ramo do entretenimento para a ciência, desta para a história da ciência e seus contornos políticos, a Vênus Hotentote, como se verá, adentra o século XXI como um caso de política internacional, na forma de uma disputa diplomática ainda em aberto — e com isso retorna aos jornais. Nas seções que se seguem, retomamos as abordagens de quatro autores distintos sobre esse marcante episódio, buscando entrever como cada qual redesenhou e articulou o seu contexto<sup>7</sup>.

(7) Outras referências sobre Sarah Bartmann incluem: Kirby, Percival. "The Hottentot Venus"/"More about the Hottentot Venus". *African Notes and News*, nº 6, 1949/nº 10, 1953; Gilman, Sander L. *Difference and pathology: stereotypes of sexuality, race, and madness*. Ithaca: Cornell University Press, 1995; *Sexuality: an illustrated history*. Nova York: John Wiley & Sons, 1989; "Black bodies, white bodies: toward an iconography of female sexuality in late 19<sup>th</sup> century art, medicine and literature". *Critical Inquiry*, vol. 12, 1985; Lindfors, Bernth. "Courtting the Hottentot Venus". *Africa* (Roma), nº 40, 1985. Há ainda o vídeo *On l'appelait la Vénus Hotentote*, dirigido por Zola Maseko (Paris: Les Dossiers de l'Histoire, co-produção France 3 e Dominant 7, 1998).

(8) Gould, op. cit. Nesta seção seguimos de perto essa fonte, assim como nas seções posteriores, em relação às respectivas fontes.

(9) A coleção inclui o cérebro do próprio Paul Broca, mas não seu pênis, ironiza Gould. Sobre Broca e a craniometria, ver o capítulo "Medindo cabeças" em Gould, Stephen J. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## Falsas medidas

Num artigo dedicado ao caso, o paleontólogo Stephen Jay Gould relata uma visita que fez ao Museu do Homem, em Paris, onde viu os restos mortais de Sarah Bartmann<sup>8</sup>. Ficavam expostos muito próximos à coleção de peças anatômicas organizada por Paul Broca, anatomista e antropólogo que teria encarnando como poucos a confiança na quantificação como chave da objetividade da ciência, típica do século XIX. Ao coletar um número importante de partes humanas das mais variadas raças, pretendia que suas medidas definissem a grande escala do progresso humano, desde o chimpanzé até o caucasiano. Não seria, segundo Gould, um racista mais virulento que outros cientistas de seu tempo, mas simplesmente mais assíduo na acumulação de dados irrelevantes, expondo-os de modo seletivo para respaldar afirmações apriorísticas. O autor acrescenta que pôde ver nessa coleção três frascos contendo os genitais de mulheres do Terceiro Mundo, mas não encontrou nenhum genital masculino, nem tampouco cérebro de mulher<sup>9</sup>...

Já os relatos de viajantes, missionários e antropólogos descreviam os bosquímanos e os hotentotes como "muito próximos dos animais inferiores", e representavam-nos calados ou emitindo grunhidos. As mulheres, ainda mais repulsivas, seriam mesmo capazes de matar os filhos sem remorso algum, chegando a atirá-los aos leões como oferenda de paz.

*Na escala racista do progresso, esses povos competiam com os aborígenes australianos pelo último lugar na escala, imediatamente acima*

*dos chimpanzés e orangotangos. [...] Nesse sistema, Sarah exercia uma sórdida fascinação, não como elo perdido, num sentido evolutivo posterior, mas como uma criatura a cavaleiro da temível fronteira entre os seres humanos e os animais [...]*<sup>10</sup>.

(10) Gould, "La Vénus Hotentot", loc. cit., p. 312.

O próprio Georges Cuvier, na monografia sobre a dissecação de Sarah Bartmann<sup>11</sup>, a pretexto de rechaçar lendas infundadas com fatos reais, dá sua descrição do modo de vida dos bosquímanos: incapazes de dedicar-se à agricultura, subsistindo da caça e da pilhagem, vivendo em cavernas e cobrindo o corpo com peles de animais. Sua única indústria seria o envenenamento de flechas e a fabricação de redes de pesca<sup>12</sup>.

(11) Cuvier, op. cit.

Gould faz notar ainda as características simianas atribuídas pelo cientista ao corpo e ao comportamento de Bartmann. Ao tratar do achatamento de seus ossos nasais, Cuvier afirma que jamais vira "uma cabeça humana mais similar à dos macacos"; recorrendo sobre a anormalidade de seu pequeno crânio (nada surpreendente para uma mulher de 1,35 m), classifica-a de "estúpida", em virtude da "lei cruel que parece ter condenado a uma eterna inferioridade aquelas raças que têm crânios pequenos e comprimidos". Cuvier teria daí inferido certos comportamentos de Bartmann: movimentos bruscos que recordavam os dos macacos e uma maneira de mexer os lábios idêntica à dos orangotangos. É na própria monografia do cientista que Gould vai encontrar contradições a fim de contestar tais avaliações: Cuvier atesta que Sarah era uma mulher inteligente, dotada de excelente memória, falava bastante bem o holandês, tinha certo domínio do inglês e, quando morreu, estava começando a aprender o francês; admite que seu corpo era bem proporcional, que seus ombros e peitos tinham graça e até mesmo falava de sua "mão encantadora".

(12) Em face dessas antigas concepções, Gould sublinha que nos dias de hoje tais povos se converteram em "heróis" de movimentos sociais; sua linguagem agora é admirada pela complexidade e sutileza; os modos de subsistência que Cuvier considerou degradantes passam a ser modelos para os ecoativistas, dado o uso não predatório e equilibrado que faziam dos recursos naturais. Mesmo julgando pouco realista essa mudança de imagem, Gould se vale de uma avaliação moral para concluir que é melhor atribuir bondade e heroísmo a esses povos explorados que acusá-los de animalidade.

Gould também aponta senões quanto à dissecação dos dois pontos da anatomia sexual de Sarah Bartmann que mais atraíam a curiosidade leiga e científica da época: as grandes nádegas e o aspecto de seus genitais. A grande quantidade de gordura acumulada nas nádegas pelas mulheres khoisan foi uma condição muito estudada sob o nome de "esteatopigia". Gould aventa que Sarah devia ser singularmente bem-dotada, a ponto de seus padrões na África terem planejado "transformá-la de empregada em sereia", e que Cuvier teria bem assimilado a fascinação exercida pela natureza mista — bestial e sexual — da Vênus Hotentote: não obstante já estivessem resolvidas as controvérsias de longos anos sobre o volume dessa parte da anatomia das mulheres africanas — se seria devido à ossatura, musculatura ou gordura — em favor dessa última, Cuvier informou sugestivamente que, não tendo "nenhuma base muscular, a gordura elástica situada debaixo da pele vibrava com todos os movimentos da mulher".

A segunda peculiaridade anatômica de Sarah Bartmann era uma espécie de aba genital (designada "avental" em português, e em francês "*tablier*"), que anos antes o grande taxonomista Lineu afirmara ter identificado em mulheres africanas. Sobre essa peculiaridade versava outra animada

controvérsia científica na época: tratar-se-ia, segundo uns, apenas do crescimento dos genitais normais, e segundo outros, de uma aba de pele que pendia do baixo ventre, feito um avental — tudo com base em testemunhos de informantes. "Não há na história natural nada mais famoso que o *tablier* das hotentotes", anunciava Cuvier no início de sua monografia, e, decidido a pôr termo à discórdia, explicava que os lábios interiores dos genitais femininos se desenvolvem muito nas hotentotes e podem chegar a medir de 8 até 10 cm, dando a impressão de uma cortina de pele independente, e concluía: "Tenho a honra de apresentar à Academia os órgãos genitais dessa mulher, preparados de modo a não deixar dúvidas acerca da natureza de seu *tablier*".

Gould aceita como correta tal identificação dessa natureza anatômica, mas destaca a absurda "teoria" que Cuvier daí derivava, refletindo aquela mesma associação entre sexualidade e animalidade que havia fascinado o público: por considerar que os hotentotes eram o mais bestial dos povos, e dado que as mulheres hotentotes eram bem-dotadas em seus lábios genitais, o cientista francês assumiu que o *tablier* das mulheres de outros povos africanos devia tornar-se progressivamente menor à medida que se afastasse da obscuridade do Sul da África e se aproximasse da luz do Egito, sendo os egípcios um povo, no entender de Cuvier, caucasiano...

Para Gould, foram os preconceitos da época que levaram Cuvier a cometer disparates a partir de observações científicas. Não menos disparatadas teriam sido as pretensões deterministas de Paul Broca, que herdou de Cuvier a preparação contendo a genitália e o esqueleto de Sarah Bartmann. Em 1862, quando buscava um critério para organizar as raças humanas segundo suas medidas físicas, Broca pensou na medida de dois ossos do braço (rádio e úmero), raciocinando que coeficientes mais elevados indicariam antebraços maiores, uma característica dos símios, o que o fez começar a crer que as medidas objetivas haviam confirmado sua hipótese: média de 794 para os negros e de 739 para os brancos. Quando, porém, as medidas do esqueleto de Sarah deram 703, Broca teve de abandonar tal critério. Eis, ainda que póstumo, um triunfo de Sarah Bartmann sobre os cientistas — ironiza Gould.

### **Sexo e raça: a difícil interseção**

A historiadora Londa Schiebinger percorre outros contextos científicos e políticos do período em seu ensaio sobre a Vênus negra<sup>13</sup>. Embora sem disputar diretamente com a interpretação de Gould sobre aquela "falsa associação que havia fascinado o público", ela assevera que se tratava de associação cientificamente aceita na época. Ao explorar os paradoxos e incompatibilidades em torno das diferenças raciais e sexuais que se alastraram nas teorias do século XVIII, Schiebinger busca deslindar como as noções acerca das diferenças de sexo e da superioridade européia influenciaram os

(13) Schiebinger, Londa. "Theories of gender and race". In: *Nature's body: gender in the making of modern science*. Boston: Beacon Press, 1993.

estudos sobre raça e sexo. Segundo ela, os anatomistas europeus do século XVIII tinham verdadeira obsessão por homens negros (o sexo dominante da raça inferior) e mulheres brancas (o sexo inferior da raça dominante). Afinal, eram esses grupos — e não as mulheres africanas — que desafiavam as elites masculinas com suas demandas por igualdade e direitos.

A autora começa por indagar se as mulheres estariam na "cadeia do ser", uma das mais significativas doutrinas das teorias de raça no século XVIII, que postulava a ordenação das espécies ao longo de uma hierarquia fixa e vertical que se estendia de Deus até o mais inferior dos seres — noção que se converteu em bandeira de luta dos conservadores contra correntes igualitárias por democracia e abolicionismo. Anatomistas dissecaram e analisaram esqueletos e crânios de animais e humanos dos quatro cantos do mundo (em grande parte do sexo masculino, mesmo sem dar atenção a esse aspecto) a fim de dar consistência à noção de que a natureza muda aos poucos de uma forma para outra. De grande interesse eram as formas de transição entre animais e humanos: para os naturalistas do século XVIII o orangotango (ou chimpanzé) era o animal mais parecido com o ser humano, além do elefante, por sua inteligência, e do papagaio, por sua capacidade de falar. Restava saber, na outra ponta, quais seriam os tipos humanos "inferiores", ou seja, os que estariam mais próximos dos animais. No decurso da expansão colonial e da escravidão, viajantes em contato com africanos já haviam sugerido que esse povo seria bem parecido com os macacos que habitavam a região. Outros foram mais longe e sugeriram que a raça negra teria se originado da cópula de brancos com macacos. Desse contexto surgiria o projeto central da anatomia do século XVIII: investigar a exata relação entre macacos, africanos e europeus.

Schiebinger nota que as muitas análises das implicações racistas da cadeia do ser deixaram de lado a discussão sobre o lugar ocupado pelas mulheres nessa hierarquia. A noção de uma cadeia única, reconhecível na natureza (e na sociedade), criou o problema de onde encaixar as mulheres. Tanto o racismo quanto o sexismo científicos, em vertente determinista, depositavam na natureza a explicação da desigualdade. O que muitos teóricos daquele tempo (e de agora) não perceberam é que aquelas noções de relações raciais e sexuais repousavam em visões contraditórias da natureza: o racismo científico dependia da hierarquia das espécies na natureza, inerentemente unilinear e absoluta, enquanto o sexismo científico dependia de diferenças biológicas radicais.

A teoria da complementaridade sexual, identificada por Thomas Laqueur<sup>14</sup>, tentava tirar mulheres e homens da competição entre si ou da hierarquia definindo-os como opostos, cada um sendo e pensando de modo radicalmente diferente, e por isso destinados a esferas sociais separadas. Assim, a noção de uma cadeia única de seres não combinava com a revolucionária visão da diferença sexual que postulava a incomensurabilidade entre os sexos, visão que, segundo Laqueur, só tinha validade para o contexto em que viviam mulheres e homens europeus. Quando os cientistas comparavam as mulheres de diferentes culturas, seu interesse se voltava

(14) Laqueur, Thomas. "Orgasm, generation, and the politics of reproductive biology". In: Gallagher, Catherine e Laqueur, Thomas. *The making of the modern body: sexuality and society in the nineteenth century*. Berkeley: University of California Press, 1987.

para as características sexuais, como beleza, rubor dos lábios, comprimento e estilo do cabelo, tamanho e forma dos seios, do clitóris, grau de desejo sexual, fertilidade e, acima de tudo, posição da pelve, a medida universal da natureza feminina. Essa medida, no entanto, ainda que universalmente feminina, jamais alcançou o *status* simbólico do crânio masculino, ou tido como masculino, porquanto em alguns casos nem o próprio pesquisador sabia o sexo do corpo a que o crânio pertencia<sup>15</sup>.

Os desenhos da pelve, que começaram a surgir em 1820, ameaçavam contar outra história da cadeia do ser: afinal, se maior é melhor, e muitos relatos coincidiam na descrição da facilidade das mulheres africanas no parto, isso poderia levar à dedução de que a pelve delas era maior. As africanas então passaram a ser descritas como portadoras de pelves mais estreitas quando comparadas às mulheres européias. Segundo Schiebinger, foram esses estudos comparativos da pelve entre as raças que trouxeram a mulher para a cadeia do ser. Em 1830, Moritz Weber apresentou uma tipologia que atribuiu formatos à pelve: oval para as européias, arredondada para as americanas e oblonga — a mais estreita de todas, e a mais bestial — para as africanas<sup>16</sup>.

Resolvida a contradição pela inclusão da pelve como o elemento feminino para hierarquizar as raças, surgiu então a necessidade de mudanças nas teorizações anteriores. A partir daí, o parto mais fácil, em vez de sugerir a pelve mais larga das africanas, passou a sugerir crânios menores dos nascituros, considerando-se que havia uma natural complementaridade entre cabeça e pelve. Partos mais fáceis passaram também a ser atribuídos ao modo primitivo de vida e à dieta alimentar. Até as volumosas nádegas das hotentotes chegaram a ser vistas por cientistas como maneira própria de as raças inferiores compensarem sua pelve mais estreita que a das raças superiores: a natureza compensaria com nádegas maiores a deficiência racial da pelve.

Uma vez incluídas as mulheres na cadeia do ser, Schiebinger busca identificar que lugar exatamente nela ocupavam. Ela discorda dos autores que consideram raça e sexo dois aspectos do mesmo problema no contexto do início do século XIX, quando a Vênus Hotentote foi dissecada. Para tais autores, mulheres brancas e homens africanos compartilhavam as mesmas deficiências quando comparados ao branco europeu de elite: ambos tinham cabeça reduzida, aparência infantil e eram impulsivos, emocionais e imitativos. Mulheres européias compartilhavam a mandíbula saliente das raças inferiores, enquanto homens das raças inferiores tinham barrigas similares às das mulheres caucasianas que tiveram muitos filhos. Para Schiebinger, essa interpretação desconsidera o modo contrastante com que os naturalistas descreviam as mulheres de diferentes contextos étnicos e culturais: a teoria da complementaridade sexual, nascida dessa nova representação<sup>17</sup>, oferecia uma nova imagem apenas para as mulheres européias, ou seja, descrevia as mães, irmãs e esposas dos cientistas, não se aplicando às africanas. Numa época de polarização entre as esferas pública e privada, o ideal republicano de maternidade assumia as mulheres como delicadas, puras e sem paixão,

(15) O crânio, estudado desde o início do século XVIII, permaneceu como ícone central da diferença racial até o final do século XIX, quando foi substituído pelos testes de inteligência.

(16) Weber, Moritz. *Die lehre von der Ur und Rassen — Formen der Schädel und Becken des Menschen*. Düsseldorf, 1830, apud Schiebinger, op. cit.

(17) Cf. Laqueur, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

um bastião moral à altura de seu robusto e assertivo companheiro. Só que não se encaixavam nessa visão da natureza feminina as negras, vistas como lascivas e libertinas, o contraste perfeito para realçar o ideal vitoriano de mulher (européia) desapaixonada.

Schiebinger enfatiza que na época em que Cuvier examinou Sarah Bartmann as teorias dominantes de raça e de sexo não se aplicavam a mulheres não-européias. Estas, como fêmeas, não se encaixavam na cadeia do ser nem, como africanas, nos ideais de feminilidade. O que africanas, européias e macacas tinham em comum era o fato de serem fêmeas num mundo de cientistas do sexo masculino — daí que o conhecimento científico recaísse sobre suas partes íntimas: seios e genitália.

Dentre as teorias que competiam com o determinismo biológico para explicar as diferenças entre as raças, Schiebinger refere-se a um dos mais extraordinários modos pelos quais se produzia a interseção entre raça e sexo no século XVIII: a corrente do "ambientalismo", segundo a qual as características raciais — forma do nariz e dos lábios, cor da pele, textura dos cabelos, formato da cabeça — eram fluidas e podiam ser conformadas ao longo do tempo por fatores como clima, dieta alimentar, costumes, epidemias, cruzamento de raças e, igualmente importante, o poder manipulador das mãos femininas (a noção de que mulheres de qualquer raça poderiam moldar manualmente as características raciais de sua descendência era corrente pelo menos desde Hipócrates). Aos abolicionistas agradavam esses argumentos ambientalistas, que davam os seres humanos como iguais por natureza, mas, segundo a historiadora, por trás da idéia de que as mães davam forma à aparência da cria estava a noção de que a matéria-prima da qual se constituiriam as variações da humanidade era européia.

Os seios das africanas não escapavam das explicações ambientalistas: seriam flácidos e caídos em razão do clima, mas também do costume de amamentar e untá-los com gordura para massageá-los. Seios grandes, segundo um cientista (tomando como evidência os seios de prostitutas negras de Londres), também podiam ser associados à licenciosidade: a excitação sexual precoce os dilatava. O *tablier* também merecia esse tipo de explicações: a masturbação por diferentes métodos alongaria partes dos genitais. Alguns o consideravam o vestígio primitivo da origem animal dos hotentotes, e para outros revelaria recato, uma espécie de folha de parreira natural, ou ainda proteção contra a violência. Havia também os que desdenhavam a questão, afirmando que as informações a respeito haviam chegado aos cientistas em segunda mão ou que tudo talvez fosse inventado, assim como as se-reias e centauros, produtos da imaginação de viajantes. Schiebinger remonta ao relato de um viajante francês publicado em 1790, *A viagem de François Le Vaillant pelo interior da África*, em que ele afirmava que os lábios alongados eram produto de artifício ou capricho por parte de mulheres ainda ligadas a um velho costume. A publicação continha um desenho feito por ele próprio de uma mulher hotentote, bem como descrições da sua particularidade anatômica. A tradutora inglesa da obra, porém, decidiu omitir a ilustração e as descrições, justificando que podiam ser mera efusão da imaginação do

(18) Essa e muitas outras ilustrações de mulheres africanas, hotentotes em especial, encontram-se reproduzidas no livro de Schiebinger.

viajante francês e que eram impróprias para a sua própria delicadeza e para o temperamento dos leitores ingleses<sup>18</sup>.

Nesse contexto de exacerbada curiosidade em torno da mulher africana se inscreveria o agudo interesse de Cuvier pela anatomia íntima de Sarah Bartmann, com nove das dezesseis páginas de sua monografia dedicadas a seios, nádegas, pelve e genitália, e apenas um parágrafo sobre o cérebro. A forma de abordagem de Londa Schiebinger, que, como vimos, leva em conta um complexo conjunto de fatores operantes na produção científica, aproxima-a de Stephen J. Gould na consideração de que o contexto cultural favorecia a curiosidade sobre a natureza do *tablier*, olhado como manifestação exacerbada de sexualidade e como elemento da associação de sua portadora (e seu povo) com a idéia de inferioridade racial. Mas ambos se afastam em dois aspectos fundamentais. Primeiro, ao abordar o conhecimento científico produzido ao longo dos séculos XVIII e XIX, Schiebinger não separa aspectos cognitivos e contextuais; ao contrário, reafirma como próprias à ciência as associações imaginárias, vigentes na época, entre sexualidade e animalidade. Em segundo lugar, o percurso da análise a leva a perscrutar não só o contexto cultural, mas também o político-econômico, o que a leva a argumentar que os estudos raciais de então estavam a serviço do homem branco não só por causa da tradição científica de tomá-lo como medida universal, mas também a fim de fornecer justificativas para a escravidão e a privação de direitos. "Nesse caso, como em outros", diz ela, "naturalistas não desenham suas prioridades de pesquisa e suas conclusões a partir da tranqüila contemplação da natureza, mas do movimento político de seu tempo"<sup>19</sup>.

(19) Schiebinger, op. cit., p. 183.

## Gênero, raça e nação: material de pesquisa na expansão colonial

(20) Fausto-Sterling, op. cit. A autora não incluiu no livro ilustrações do corpo ou da genitália de Sarah Bartmann, mas por razões bem diversas daquelas alegadas pela tradutora inglesa de Le Vaillant: uma vez que seu estudo se debruça sobre os cientistas que usaram aquele corpo feminino, as ilustrações apropriadas seriam as do Museu História Natural ou dos próprios cientistas, das quais não dispôs.

(21) Durante muitas décadas desde a sua fundação, em 1793, esse museu foi o centro mundial para o estudo das ciências da vida, institucionalizando os estudos de anatomia comparada, paleontologia, morfologia e taxonomia zoológica. Suas coleções provinham em geral de campanhas imperialistas francesas em países remotos.

(22) Latour, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000, cap. 6.

Retomando de outro ângulo a história da Vênus Hotentote, a bióloga Anne Fausto-Sterling desloca o foco do corpo de Sarah Bartmann para centrar seu estudo nas novas possibilidades que se abriam à prática científica durante a expansão colonial-capitalista da França, num contexto que exigia que novas terras e corpos humanos fossem explorados, dissecados e dominados<sup>20</sup>. Seu interesse se volta então para a vida e prática dos cientistas que contribuíram para construir a história das classificações humanas a partir dos acervos dos museus, bem como para aumentar essas coleções. Trata-se notadamente daqueles mesmos cientistas que examinaram Sarah Bartmann em 1815, cuja atividade esteve estreitamente vinculada ao Museu de História Natural<sup>21</sup>.

Para interpretar o processo de coleta e catalogação como um movimento que compõe o estabelecimento do poder da ciência ocidental, Fausto-Sterling lança mão da abordagem de Bruno Latour sobre os procedimentos científicos que operam a domesticação de universos selvagens, distantes e desconhecidos<sup>22</sup>. Os crescentes fluxos de informação desses

rincões para os centros de produção de conhecimento, mediante sucessivas coletas, constituiriam ciclos de sistematização e acúmulo de dados que propiciariam aos cientistas (e aos políticos, é claro) a condição de obter vantagens e exercer influência sobre acontecimentos, lugares e povos remotos. Para Latour, esse processo implica que tais realidades longínquas sejam trazidas para os centros (tomando-se, portanto, móveis), mas que ao mesmo tempo sejam mantidas estáveis a fim de ser movidas sem distorção, decomposição ou deterioração, permitindo que as informações sejam acumuladas, agregadas ou embaralhadas conforme o interesse do cientista.

A descrição do ambiente de trabalho de Georges Cuvier apresentada por Fausto-Sterling<sup>23</sup> se encaixa perfeitamente nessa interpretação de Latour. Em sua casa, anexa ao Museu de História Natural, onde morou por quase quarenta anos, ele dispunha de um conjunto de salas, cada qual contendo material sobre um assunto. Conforme trabalhava, o cientista se mudava de uma sala para outra, reunindo informações que haviam sido previamente transportadas de todo o mundo para o conforto de sua própria casa<sup>24</sup>. Nessa relação entre o contexto da expansão colonial e o trabalho dos cientistas, outro aspecto material destacado por Fausto-Sterling é o empenho do cientista em cooptar os viajantes para o desenvolvimento de suas pesquisas: Cuvier estimulou-os a capturar corpos humanos sempre que observassem batalhas entre selvagens, dando instruções muito específicas de como deviam preparar os crânios para trazer apenas os ossos, ou de como mantê-los intactos de modo a permitir o exame de suas formas faciais<sup>25</sup>. Por conta de procedimentos como esses, o acervo do Museu foi crescendo de tal maneira que o volume de material acumulado passou a exigir sistemas coerentes de classificação, um projeto que se estendia dos animais e vegetais mais conhecidos até os mais primitivos e estranhos — e incluía a domesticação de terras distantes.

Assim é que, pondera Fausto-Sterling, a dedicação dos cientistas da classificação à anatomia humana não pode entendida como mera ocorrência estranha e aberrante em meio a uma pura e nobre história da biologia. Para ela, a imagem de mulher construída por Cuvier a partir dos exames do corpo de Sarah Bartmann — africana, selvagem e primitiva — adequava-se ao momento histórico em que o capitalismo europeu em expansão, além de conquistar e fazer negócios, coletava espécimes que enchiam museus e passavam a demandar projetos classificatórios que, por sua vez, podiam prestar-se à justificação do colonialismo e da escravidão.

A autora argumenta que a monografia de Cuvier é reveladora de um certo tipo de ansiedade. Após comparar o esqueleto de Bartmann com o de uma mulher do grupo guanche das Ilhas Canárias, extinto pela colonização e tido como caucasiano, Cuvier relatou, atônito, que tinham características muito similares. Enredado em seus próprios afãs comparativos, o cientista via assim desafiada sua tese de que os bosquímanos representavam uma forma primitiva de humanidade — bem como ficavam em dificuldades, diz Fausto-Sterling, "as afirmações de superioridade européia, das quais a colonização, a escravização e a privação de direitos dependiam tanto" —, de

(23) Descrição baseada em Coleman, William. *Georges Cuvier, zoologist: a study in the history of evolution theory*. Cambridge: Harvard University Press, 1964. A autora recorre ainda a duas biografias de Cuvier escritas em diferentes épocas: Flourens, P. *Cuvier: histoire de ses travaux*. Paris: Paulin, 1845; Appel, Toby A. *The Cuvier-Geoffroy debate: French biology in the decades before Darwin*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

(24) Cf. Stocking Jr., George W. *Race, culture and evolution: essays in the history of anthropology*. Chicago: University of Chicago, 1982, apud Fausto-Sterling, op. cit.

(25) Badou (op. cit.) aponta uma obra do início do século XX sobre essa contribuição de Cuvier à ciência: Hervé, Georges. *Les instructions anthropologiques de Georges Cuvier pour le voyage du "geographe" et du "naturaliste" aux terres australes*. Paris: F. Alcan, 1910.

modo que era imperativo encontrar uma solução satisfatória na chave comparativa. Como dispusesse de poucos esqueletos das Canárias para avaliar a confiabilidade de seus dados, ele recorreu a um material mais abundante: as múmias egípcias.

E aqui entra na história um outro cientista: Geoffroy Saint-Hilaire, mentor, depois colega e por fim arquiinimigo de Cuvier, que coletara muitas múmias de animais e humanos numa expedição ao Egito organizada por Napoleão. Em 1800, quando a Inglaterra derrotou os franceses, o acordo de capitulação estipulava que estes entregassem aos vencedores todas as anotações e o material coletado por cientistas no Egito, mas Saint-Hilaire, num ato de heroísmo patriótico, recusou-se a entregar as múmias e levou-as para o Museu de História Natural<sup>26</sup>. Tendo estudado com minúcia esse farto material à sua disposição, Cuvier julgou estabelecer então que os egípcios antigos tinham a mesma cor de pele e capacidade craniana dos europeus modernos, o que refutava certas teses em contrário, bem como não se aplicava à Vênus Hotentote. Nas palavras conclusivas do cientista,

*nem bosquímanos nem qualquer outra raça de negros deram origem ao povo que estabeleceu a civilização no antigo Egito e do qual se pode dizer que o mundo inteiro herdou os princípios da lei, da ciência e talvez até mesmo da religião*<sup>27</sup>.

(26) Essa parte do relato de Fausto-Sterling está baseada em Outram, Dorinda. *Georges Cuvier: vocation, science, and authority in post-revolutionary France*. Manchester: Manchester University Press, 1984; Stocking Jr., op. cit.; Appel, op. cit.

(27) Apud Fausto-Sterling, op. cit., p. 39.

Apoiada em vasta bibliografia dos estudos da ciência, a abordagem de Anne Fausto-Sterling confere materialidade e relevo às ansiedades e concepções científicas associadas à expansão colonial europeia, permitindo analisar as dimensões sociopolíticas das práticas comparativo-classificadoras dos cientistas em meio a múmias, esqueletos, cadáveres e crânios de variadas espécies. Ao lamentar, por fim, que não tenhamos qualquer outro registro de Sarah Bartmann, de tal modo que "não podemos vê-la senão pelos olhos dos cientistas que a descreveram", Fausto-Sterling instiga-nos a um contraponto com nosso contexto atual:

*As diferenças corporais de Sarah Bartmann foram construídas sob os paradigmas sociais e científicos disponíveis naquele tempo. [...] Se ela magicamente estivesse viva hoje, os antropólogos e biólogos contemporâneos poderiam representá-la e enquadrá-la diferentemente, mas isso seria, mesmo assim, apenas representação e enquadramento. E talvez um dos inúmeros movimentos de liberação mundo afora pudesse oferecer a ela um contexto para rechaçar as construções da ciência euro-americana. De fato, hoje vemos regularmente tal contestação em debates sobre tamanho do cérebro e raça [...], forma do cérebro e gênero ou genética e homossexualidade*<sup>28</sup>.

(28) Fausto-Sterling, op. cit., p. 41.

## A Vênus Hotentote na atualidade: jornalismo, política e diplomacia

A instigação de Fausto-Sterling ganha um sentido muito particular e surpreendente ao nos depararmos com a recentíssima volta de Sarah Bartmann às páginas dos jornais, na forma de um contencioso internacional em torno de seus restos mortais. Essa nova polêmica envolvendo a Vênus Hotentote surge num contexto de diversas reivindicações de povos colonizados a seus ex-colonizadores para que devolvam sua produção cultural, espalhada por inúmeros museus do Primeiro Mundo. É o caso, por exemplo, de uma comunidade de índios carajás da Bahia que, em meio às comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, em 2000, exigiu a devolução de um raríssimo manto de plumas vermelhas confeccionado por índios brasileiros no século XVII, atualmente em poder de um museu da Dinamarca e que integrou o acervo reunido para a Mostra do Redescobrimento<sup>29</sup>. Dois meses antes desse evento, um editorial da *Folha de S. Paulo* abordava as reivindicações de objetos de arte apresentadas por países como Egito, Nigéria e Grécia a nações do Primeiro Mundo, argumentando que ao menos as obras obtidas ilegalmente deveriam ser restituídas<sup>30</sup>.

Nesse contexto, o caso (reaberto) da Vênus Hotentote tem uma dimensão peculiar e inquietante, pois se trata da disputa de duas nações por um cadáver humano. Como se pode acompanhar por matéria assinada pelo jornalista Marcelo Rezende, a África do Sul "alega querer dar [a Sarah] um funeral digno e descanso, enquanto os franceses acreditam defender o interesse da cultura ao mantê-la [...] nos depósitos de um museu"<sup>31</sup>. Desde que Nelson Mandela assumiu o governo da África do Sul com o programa de corrigir injustiças do passado, criou-se ali um contexto político favorável ao resgate da história do povo sul-africano. Os grigas, grupo étnico que apoiara Mandela nas eleições e se arvora em descendente do grupo ao qual Bartmann pertenceu, lançaram uma campanha nacional a fim de pressionar a França a devolver seus restos mortais. O pedido foi feito a François Mitterrand quando visitou a África, e depois Jacques Chirac herdou o caso.

Para os grigas, escreve o jornalista, "a exibição de Bartmann para as pessoas sem coração viola a dignidade de nosso povo". Mas outro é o ponto de vista do atual "responsável" pelo que restou de Sarah, André Langaney, diretor do Laboratório de Antropologia do Museu de História Natural, que declarou em entrevista a Rezende:

*O esqueleto e o molde mortuário de Saartjie Baartmann são parte da coleção patrimonial do Museu. [Ela] foi objeto para múltiplas descrições e representações fantasistas em inúmeros trabalhos racistas, alguns deles com pretensões científicas, na Inglaterra e na França do século XIX e do século XX. Seu esqueleto e seu molde permitem constatar que ela era uma mulher perfeitamente normal, e que aquelas descrições são falsas e invencionais. Seus restos mortais constituem um*

(29) Cf. "Somos carajá, queremos nosso manto". *Folha de S. Paulo*, 19/06/2000, p. E-1.

(30) "Pilhagem artística". *Folha de S. Paulo*, 08/04/2000, p. A-2.

(31) Rezende, Marcelo. "A verdadeira mulher-objeto". *Gazeta Mercantil*, 05/05/2000, p. 24.

*testemunho importante da história da ciência e das mentalidades no que se refere aos desvios racistas da antropologia ou, ainda, às obsessões da Europa colonialista.*

(32) Badou, op. cit.

A matéria faz menção ainda ao lançamento, à época, do livro *O enigma da Vênus Hotentote*, de Gérard Badou, também jornalista, que repercute o caso<sup>32</sup>. O livro lança mão de recursos narrativos para reconstruir a trajetória de Sarah Bartmann e, embora baseado em extensa pesquisa, não tem pretensão analítica, de modo que não se presta a uma análise nos moldes daquelas que empreendemos nas seções anteriores. No entanto, constitui uma boa sistematização da história da Vênus Hotentote e a atualiza em face dos recentes acontecimentos diplomáticos.

Ao retomar a história das disputas coloniais e dos costumes dos khoisan, Badou narra o que poderiam ter sido o nascimento, a educação e o êxodo de Sarah Bartmann naquela remota região do cabo da Boa Esperança. Em seguida faz um relato pormenorizado da gloriosa passagem de Sarah por Paris até sua morte, baseado em pesquisa que realizou a partir de uma grande diversidade de materiais, como a coleção oficial de documentos da polícia de Paris, revistas femininas e jornais da época, histórias das ruas e dos espetáculos da cidade, atas e relatórios das reuniões de cientistas do Museu de História Natural. Entre outras revelações importantes, esse material nos descortina as relações daqueles eminentes cientistas com a polícia parisiense — como mostram as correspondências em que solicitavam a esta que buscasse Sarah (e depois seu corpo) junto a Réaux para levá-la ao Museu —, e com o próprio Napoleão, que visitou o Jardin du Roi poucos dias depois de Sarah ter estado ali.

(33) Fontenay, Elisabeth de. *Diderot ou le matérialisme enchané*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1981, apud ibidem, p. 187.

Recebido para publicação em 9 de outubro de 2001.

Maria Teresa Citeli é doutora em Sociologia pela FFLCH-USP.

No epílogo do livro, a saga da Vênus se estende (mais uma vez) até a atualidade. Badou conta que no começo dos anos 1980 a exposição da Vênus no Museu do Homem passou a ser considerada "politicamente incorreta" por instigar a misoginia dos visitantes (segundo as feministas) ou por sua forma insuportável de etnocentrismo. Em 1981, Elizabeth de Fontenay, professora de filosofia em Sorbonne, denunciava o "verdadeiro atentado funerário" perpetrado contra Sarah Bartmann: privá-la de uma sepultura simbolizaria claramente o genocídio cometido pelos colonizadores contra os hotentotes<sup>33</sup>. E lançava um apelo à revolta, incitando as almas generosas a libertá-la: vamos ao Museu "quebrar a vitrine e a moldura, ou então cobrir com uma veste suntuosa o pobre corpo entregue à curiosidade, ou, melhor ainda, roubar o esqueleto e sepultá-lo", para que ela possa, finalmente, descansar em paz.

---

Novos Estudos  
CEBRAP

N.º 61, novembro 2001  
pp. 163-175

---